



Feira agroecológica da Chapada Diamantina- Bahia: desafios e perspectivas de uma construção coletiva

Agroecological fair of Chapada Diamantina- Bahia: challenges and perspectives of a collective construction

REGIS, Ana Carolina Delfino¹, HORA, Juliane Souza Luiz², SANTANA, Sandreia³,
BULHÕES, Flavia Muradas⁴, SCHMITZ, José Antônio Kroff⁵

¹ UERGS, acdregis@yahoo.com.br; ² UFRPE, juli.bio@hotmail.com; ³ UNEB, sandreiasabra@outlook.com ⁴ UERGS, flavia-bulhoes@uergs.edu.br; ⁵ UERGS, jose-schmitz@uergs.edu.br

Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Resumo: O projeto da feira agroecológica foi uma demanda de agricultores, artesãos e comunidades que buscavam um espaço para a venda dos seus produtos. Esses agricultores encontraram na Universidade do Estado da Bahia no município de Seabra, o apoio de espaço e logística necessários para essa construção. O objetivo deste trabalho foi estudar e registrar a construção coletiva da Feira Agroecológica da Chapada Diamantina, contribuindo a partir da participação ativa no planejamento, avaliação e correções desse processo. As feiras estão relacionadas com circuitos curtos de comercialização e economia solidária, que são temas importantes de estudo na Agroecologia. A pesquisa atende aos critérios da pesquisa-ação. Na Feira Agroecológica da Chapada Diamantina participaram 42 feirantes durante os quatro meses da pesquisa, sendo a maioria mulheres. A Feira tem propiciado a oferta de produtos locais e regionais, demonstrando a diversidade que as comunidades da região possuem. Porém, o baixo retorno financeiro, a distância entre os municípios e o custo desse deslocamento são dificuldades encontradas pelos feirantes.

Palavras-chave: agroecologia; comunidades rurais; regionalidade; sociobiodiversidade.

Introdução

As feiras são historicamente espaços de comercialização e troca de produtos e a partir delas muitas cidades e vilarejos surgiram (DANTAS, 2008). O município de Seabra, na Chapada Diamantina, Bahia tem sua origem no século XVIII em torno da feira livre onde se comercializava feijão, frutas e verduras para abastecer as demais cidades lavristas da região (SEABRA, 2023).

Na Chapada Diamantina, desde 2020, por iniciativa de agricultores e artesãos de vários municípios que buscavam uma alternativa para comercialização dos seus produtos, foi iniciada a construção da Feira Agroecológica da Chapada Diamantina com produtos de base agroecológica. Para alguns feirantes a feira é “*um espaço de encontro, troca de conhecimento e mostra dos produtos e não apenas o espaço de comercialização*” (Feirante B.S.). A primeira Feira de Agroecologia da Chapada ocorreu em março de 2020, no Campus XXIII da Universidade do Estado da Bahia - UNEB em Seabra, com muita expectativa e muitos planos, que foram interrompidos pela crise sanitária da COVID-19, retornando em 2022 após o período mais crítico da pandemia.



A Chapada Diamantina tem um grande potencial para a produção agroecológica, em especial nas pequenas propriedades rurais que são a maioria nesse território. A prática da agricultura convencional entre pequenos agricultores ainda é predominante nos municípios da Chapada, por essa razão Incentivar a transição agroecológica é uma tarefa necessária e urgente, e, nesse contexto, a feira traz visibilidade e espaço para aqueles que desejam e se encorajam a iniciar esse processo.

O objetivo desse trabalho foi estudar e registrar a construção coletiva da Feira Agroecológica da Chapada Diamantina, a partir da pesquisa-ação, contribuindo com o planejamento, avaliação e correções desse processo.

Metodologia

A pesquisa realizada é qualitativa, tendo como base a metodologia de pesquisa-ação que foi utilizada no processo do planejamento e organização da estrutura e avaliação da feira, conforme metodologia adaptada de Thiollent (2005) e Tripp (2005).

O estudo combinou diferentes técnicas de coleta de dados dentre elas a participação em reuniões, na organização e divulgação da feira, contato regular com os feirantes, registros fotográficos, análise de documentos (formulários de cadastro, atas e memórias de reuniões) e aplicação de questionários. Esses questionários foram aplicados com o objetivo de planejamento e avaliação dos resultados e do andamento do processo.

Resultados e discussão

A Feira surge a partir da iniciativa conjunta de uma professora da UNEB com feirantes, e é uma alternativa e um contraponto às feiras convencionais que ocorrem semanalmente nos municípios do território. Nos quatro meses (junho, julho, setembro e outubro de 2022) de pesquisa foi registrada a participação de 42 feirantes que vieram dos municípios de Seabra, Palmeiras, Andaraí, Lençóis, Piatã, Bonito, Utinga, Wagner, Abaíra, Ibicoara e São Gabriel.

A faixa etária entre os feirantes variou de 24 a 73 anos. Entre as comunidades presentes, duas são indígenas e quatro são quilombolas. Participaram ainda dessa construção estudantes da Escola Família Agrícola – EFA de Seabra.

A maioria dos feirantes (59,5%) realiza atividades diversas concomitantes desde agricultura, serviço como dona (o) de casa, empreendedor individual, artesão e serviço público, de modo que a feira é uma complementação da renda e não a fonte principal ou única de recursos financeiros das famílias integrantes desse espaço de comercialização. Os demais, 19,1% são apenas agricultores, 14,3% possuem outras fontes de renda diversas como aposentadoria e aluguel de imóvel e 7,1% são apenas artesãos. Santos (2018), estudando feiras em Uberlândia-MG, também observou que os feirantes realizam atividades diversas como fonte de renda,



incluindo a participação em outras feiras assim como verificado entre os feirantes de Seabra.

Existe uma predominância de mulheres feirantes (67%), bem como na organização da feira, sendo, portanto, protagonistas nesse processo de construção, estando envolvidas não apenas na comercialização dos produtos na Feira, mas, também na produção dos alimentos e no beneficiamento desses produtos para a fabricação de geleias, bolos, biscoitos, doces, conservas. Destacam-se ainda as diversas artesãs com o artesanato de palha de licuri, de cipó, de joias de resinas botânicas, couro, crochê, sementes, penas de aves que também são uma potencialidade da feira, expressando a biodiversidade local e o saber popular das comunidades rurais da Chapada. Ainda nesse contexto, importante ressaltar o conhecimento tradicional sobre as plantas (nativas ou cultivadas) utilizadas pelas mulheres da Comunidade Indígena Tapuya – Seabra, para o cuidado com a saúde íntima das mulheres e que são utilizadas em rituais do sagrado feminino, e envolve banhos, chás e vaporizações. As ervas podem ser encontradas na feira ou encomendadas previamente, mas, também são comercializados sabonetes íntimos, escalda-pés, além de outros cosméticos produzidos pelas mulheres da comunidade. Mairesse e Biondo (2022) também destacam a importância da participação das mulheres rurais pelo uso e conservação da agrobiodiversidade, promoção da segurança alimentar e nutricional, troca de conhecimentos, diálogo e lazer. A Feira tem se constituído, portanto, como espaço que demonstra a importância da mulher do campo nos processos de conservação da cultura, dos saberes populares, e na economia da região.

A espécie *Syagrus coronata* (licuri), se destaca pela versatilidade, pois é utilizada pelo consumo *in natura*, mas, sobretudo pelas várias possibilidades de usos desde a produção de óleo de cozinha a confecção de artesanato. O uso do licuri em comunidades tradicionais foi documentado por Almeida (2011), Rufino *et al.* (2008) e Queiroga (2021). Na Chapada Diamantina as comunidades beneficiam a palha do licuri para confecção de bolsas, esteiras, flores, luminárias e tantas outras coisas que as artesãs e os artesãos são capazes de produzir. Da mesma forma, os alimentos produzidos a partir do processamento da mandioca nas antigas e novas casas de farinha, o processamento da cana de açúcar para a produção de cachaça, rapadura e açúcar, e a criação de cabras para extração do leite e produção dos seus derivados, queijo, requeijão, licor, remetem a toda expressão do conhecimento dos povos que habitaram a Chapada e são produtos presentes na Feira Agroecológica da Chapada. A feira é, nesse sentido, também espaço de apresentar o alimento como um patrimônio cultural do lugar.

A construção da feira nem sempre é simples, fácil ou rápida. Conquistar o cliente, garantir a confiança e fidelidade, e manter a diversidade e frequência dos produtos e agricultores mensalmente têm sido um desafio. A presença de público é um fator limitante para a realização da feira, por vezes contribuindo para o desânimo de alguns feirantes que não vêm benefícios em continuar participando, e acabam saindo do processo. Por outro lado existe uma dificuldade de disponibilidade de produtos para vender na feira, pois a maioria dos alimentos comercializados é produzida no próprio quintal ou em pequenos espaços e a produção é esporádica e sem planejamento. Quando avaliada a questão da localização da feira no *Campus*



da UNEB a percepção de alguns feirantes é de que “o local é pouco atrativo para o público” (Feirante J.B.) e de “pouca visibilidade para a feira” (Feirante D), devido à distância do centro da cidade. Por essa razão, ao menos dois feirantes têm manifestado interesse em transferir o local da feira para alguma praça do município na expectativa de ter maior visibilidade e mais vendas, ideia que não é compartilhada pelos demais. Estratégias têm sido criadas para atrair o público, que envolve técnicas de comunicação/ publicidade, assim como a realização da feira em momentos específicos associados a outros eventos aproveitando desse público “certo”. Apesar dos desafios enfrentados, os feirantes, voluntários, parceiros e instituições acreditam no potencial da feira, e, seguem firmes no propósito de continuar no fortalecimento desse espaço.

Considerações finais

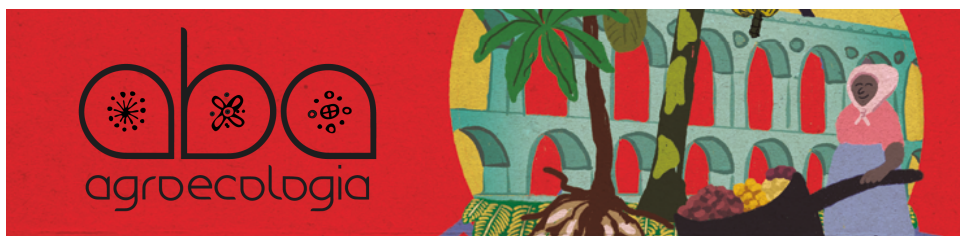
A crescente demanda por alimentos saudáveis produzidos de modo sustentável e a necessidade crescente de agricultores por espaços específicos para comercialização de seus produtos motivaram a criação da Feira Agroecológica da Chapada Diamantina. Apesar de existirem essas demandas, a construção de uma feira não é uma tarefa fácil.

Os resultados da pesquisa mostraram que os principais desafios dessa construção são o deslocamento dos feirantes entre os municípios que é visto como cansativo e dispendioso, a baixa adesão de consumidores e consequentemente baixo retorno financeiro, e a falta de produtos decorrente da baixa produtividade agrícola para venda em alguns momentos o que resulta em afastamento de alguns agricultores e artesãos da feira.

Apesar das dificuldades citadas, o estudo mostrou que os feirantes em sua maioria desejam continuar com as atividades da feira demonstrando interesse em ampliar a produção garantindo a variedade e frequência desses produtos à venda. A pesquisa mostrou, no entanto, que para além das dificuldades, a Feira apresenta um grande potencial como espaço da manifestação dos saberes e fazeres tradicionais da região, evidenciado pela diversidade de produtos cultivados, beneficiados e dos produtos e subprodutos, incluindo o artesanato, obtido do extrativismo da biodiversidade regional em especial do licuri. A Feira também tem se consolidado a partir do protagonismo das mulheres, como maioria em todas as edições, protagonismo que se apresenta não apenas na comercialização dos produtos, mas em todos os processos, desde o cultivo, ao beneficiamento e extrativismo dos produtos que serão vendidos na feira. De modo, que a Feira, se torna também um importante de espaço de autonomia financeira para essas mulheres, não apenas durante os dias de realização em si, mas, pela visibilidade dada por esse espaço.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, V. S. **Uso, manejo e estrutura da vegetação da caatinga por duas comunidades quilombolas do município de Jeremoabo, Bahia, Brasil.** Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Botânica. Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Brasil. 2011.



DANTAS, G. P. G. **Feiras no Nordeste**. Mercator - Revista de Geografia da UFC, 13 n, 2008.

MAIRESSE, Letícia; BIONDO, Elaine. **Mulheres rurais e sua atuação nas organizações do vale do taquari, RS**. Revista Estudo & Debate, v. 29, n. 3, 2022.

QUEIROGA, I. C.G. **Etnobotânica de plantas com potencial para extração de óleo e resina na reserva pataxó da jaqueira, porto seguro, Bahia, Brasil**. Dissertação de Mestrado. Mestrado em Ciências e Tecnologias Ambientais. Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. 2021.

RUFINO, M. U. DE L., COSTA, J. T. DE M., SILVA, V. A. E ANDRADE, L. DE H. C. **Conhecimento e uso do ouricuri (*Syagrus coronata*) e do babaçu (*Orbignya phalerata*) em Buíque, PE, Brasil**. Acta bot. bras. 22 v. 1141-1149 p. 2008.

SANTOS, M. M. **Feiras agroecológicas em Uberlândia - MG: desafios e perspectivas**. Trabalho final de graduação, Universidade Federal de Uberlândia. 2018.

SEABRA. Câmara Municipal. Poder Legislativo. **História da Cidade**. Seabra. Disponível em: <https://www.seabra.ba.leg.br/institucional/historia>, Acesso em: 25 jan. 2023.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18ª. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educ. 31 v, 3 n, 443-466 p. São Paulo, 2005.